



**UnB**

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas - ICH  
Departamento de História - HIS

**Alexandre e Hefestião: amizade e autoridade nas representações de  
Oliver Stone e Robin Lane Fox**

Matheus Maciel Matias

Brasília

2023

MATHEUS MACIEL MATIAS

**Alexandre e Hefestião: amizade e autoridade nas representações de  
Oliver Stone e Robin Lane Fox**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo inédito, apresentado ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Brasília, para a obtenção do grau de licenciado em História, sob a orientação do Prof Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna.

Brasília

2023

## **Alexandre e Hefestião: amizade e poder nas representações de Oliver Stone e Robin Lane Fox**

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar tanto cenas de *Alexander* (2004), de Oliver Stone, quanto trechos da biografia *Alexander The Great*, de Robin Lane Fox, nas quais a relação entre Alexandre e Hefestião é evidente. Robin Lane Fox, que fez parte da equipe de pesquisa histórica do filme, deixou sua marca no filme de Stone. Segundo ele, a relação entre Alexandre e Hefestião transcende a mera amizade e companheirismo militar discutido por fontes antigas. Além disso, este artigo busca compreender e contrastar como cada um desses autores retrata Alexandre, especialmente sua personalidade, suas realizações e sua relação íntima com Hefestion. Portanto, fica mais claro como diferentes mídias e abordagens podem moldar e influenciar a compreensão de figuras históricas.

**Palavras-chave:** Alexandre; Hefestião; Oliver Stone; relação; representações.

### **Abstract**

This paper aims to analyze both scenes from Oliver Stone's *Alexander* (2004) and sections of Robin Lane Fox's biography of Alexander in which the relationship between Alexander and Hephaestion is evident. Robin Lane Fox, who was part of the film's historical research team, left his mark on Stone's movie. According to him, the relationship between Alexander and Hephaestion transcended the mere friendship and military companionship discussed by ancient sources. Additionally, this article seeks to understand and contrast how each of these authors portrays Alexander, especially his personality, his achievements and his intimate relationship with Hephaestion. Therefore, it becomes clearer how different media and approaches can shape and influence the understanding of historical figures.

**Keywords:** Alexander; Hephaestion; Oliver Stone; relationship; representation.

## Introdução

Ao longo da história mundial encontramos personalidades que se destacam das demais, dentre as figuras que mais marcaram os estudos histórico-biográficos, Alexandre ocupa posição relevante porque desde a Antiguidade construiu-se um processo de fabricação de sua figura<sup>1</sup>, ressaltando seus feitos militares marcantes e que são estudados por uma gama de estudiosos, em especial, historiadores<sup>2345</sup>. Mas não somente as características militares e bélicas de Alexandre são alvos de investigação e estudos por parte da academia. Diversas pesquisas e meios audiovisuais têm procurado apresentar questões mais polêmicas a respeito do rei macedônico, assim como o presente artigo, e têm como objetivo analisar questões latentes a respeito do nome de Alexandre na atualidade, em especial ao que diz respeito à sua relação com Hefestião. Tema evidenciado nas duas obras de interesse para discussão do artigo, sendo elas o filme *Alexandre*, de Oliver Stone (2004) e o livro *Alexander the Great*<sup>6</sup>, de Robin Lane Fox (1973), tendo a segunda servido de inspiração para a produção do primeiro.

A obra cinematográfica, *Alexandre*, de Oliver Stone, se destaca em relação às demais no que diz respeito aos temas que objetiva tratar, tendo como destaque as relações pessoais da figura que dá nome ao filme. A produção parte em uma linha que diverge das demais veiculadas até então, como o filme dirigido por Robert Rossen, *Alexander The Great* (1956) e a peça teatral do dramaturgo Terence Rattigan, *Adventure Story* (1949)<sup>7</sup>, onde um Alexandre diferente do de Stone é apresentado, a figura do rei é focada exclusivamente em seu caráter militar e pouco ligada às suas questões pessoais. O Alexandre que Stone escolheu retratar está muito mais ligado aos seus interesses amorosos e pessoais que os demais. As questões destacadas pelos outros filmes como as guerras, conquistas e a partilha do território, ainda se mostram presentes na obra, mas

---

<sup>1</sup> SANT'ANNA, Henrique Modanez de. **Alexandre Magno**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> HECKEL, Waldemar. **Who's Who in the Age of Alexander the Great Prosopography of Alexander's Empire**. Blackwell Publishing. 2006.

<sup>4</sup> ANSON, Edward M. **Alexander The Great. Themes and Issues**. London: Bloomsbury Academy. 2013.

<sup>5</sup> BOWDEN, Hugh. **Alexander the Great, A Very Short Introduction**. Oxford University Press. 2014.

<sup>6</sup> Título original em inglês.

<sup>7</sup> SHAHABUDIN, Kim. **The Appearance of History Robert Rossen's Alexander the Great**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 92.

aparecem ligadas à vida pessoal de Alexandre, expondo ao espectador uma figura mais humanizada (e consequentemente carregada de falhas e defeitos) do conquistador.

Onde geralmente é retratada uma imagem distante do rei macedônico, o filme de Stone busca uma outra abordagem da figura de Alexandre. Frequentemente possuindo personalidade reservada, na obra de Stone aparece de forma mais emocional e próxima do espectador, mostrando um Alexandre muito mais ligado aos prazeres que o mencionado pelas fontes<sup>8</sup>. Esta abordagem, em que Oliver apresenta o rei macedônico como mais sensível e mais ligado à sua vida pessoal e ao seu amigo Hefestião, se mostrou controversa no período de seu lançamento. Sendo muitas vezes comparada com seus antecessores que trouxeram novamente o gênero épico para o cinema no início do século XXI, *Gladiador* (2000) e *Tróia* (2004).<sup>9</sup>

Estes filmes estabeleceram um padrão que Alexandre deveria seguir, mas Stone optou por caminhos opostos ao dessas produções. Ambas seguem um modelo normativo e vinculado à guerra e à violência, Alexandre parte por caminhos menos violentos e mais sensíveis, onde o protagonista não segue o modelo heteronormativo como nas duas outras. Stone foi na contramão da ideia que estes filmes deixaram, gerando assim uma quebra de expectativa por parte dos espectadores. Além disso, o filme se envolveu em outras polêmicas como a escolha do ator para o papel principal, entre outras questões que influenciaram para a recepção do filme ser conturbada durante seu período de lançamento.

Ainda assim, o filme é marcado por diversas manifestações históricas dignas de serem analisadas no contexto da obra e da história do período clássico. Destaco aqui as relações sexuais que manifestavam características diversas, e que são apresentadas ao longo do filme, ao demonstrar as diversas relações de Alexandre. Essas relações eram entendidas por um outro espectro, onde havia a questão puramente sexual e vinculada à reprodução de indivíduos e manutenção da vida, sendo praticado por homens e mulheres<sup>10</sup>. Mas também havia as relações ligadas ao âmbito do prazer, dos interesses intelectuais e amorosos. Poderia haver casos onde o interesse reprodutivo e amoroso

---

<sup>8</sup> Para Plutarco o general “não ambicionava prazeres nem riquezas, mas apenas méritos e glória” (Alex. 5.6).

<sup>9</sup> PAUL, Joanna. Oliver Stone’s *Alexander* and the Cinematic Epic Tradition In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone’s Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 15.

<sup>10</sup> ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs. 2005.

fossem parte de uma única relação, mas também era comum que o interesse romântico e filosófico fosse procurado fora da relação doméstica, muitas vezes entre indivíduos do mesmo sexo.<sup>11</sup>

A sociedade grega possuía regras para essas relações, em especial para a relação entre homens, que deviam seguir determinados padrões e modelos pré-estabelecidos. Dentre eles o que mais se destaca se refere à idade, onde havia uma relação de mestre e aprendiz, conhecida como *paiderastia*<sup>12</sup>, onde um *erastes* (mais velho e conseqüentemente o mestre/professor) devia acolher um jovem, o *eromenos*, e ensinar-lhe sobre a vida, seja no sentido intelectual, político e até mesmo sexual. Essa relação era definida por essa superioridade do homem mais velho, com experiências e vivências que deveriam ser passadas para a próxima geração, sendo ele a figura ativa dessa relação, tanto em termos de passar seus conhecimentos de forma ativa, quanto do ponto de vista sexual. Já o mais jovem, o aprendiz, tinha por função cumprir um papel mais passivo, no qual recebe e aprende a partir das experiências que o *erastes* lhe passa.

Essa relação era tida como comum por boa parte da sociedade, e não entendida a partir do significado que a palavra recebeu no português moderno<sup>13</sup>. Era entendida como uma forma de iniciar os rapazes na vida masculina na pólis grega. Portanto, praticada e vista de forma natural por boa parte da sociedade. Tais práticas duraram por um longo período na sociedade grega e se mostrou presente (assim como outros traços da cultura grega) na cultura macedônica, na qual podemos destacar Alexandre Magno. Figura que despertou grande interesse historiográfico pelos seus inúmeros feitos e conquistas. Sejam eles territoriais ou amorosos, visto que muitas fontes antigas discutiam tanto o primeiro como o segundo ponto, o que foi mantido na historiografia ao longo dos séculos, em proporções menores do primeiro em relação ao segundo. O que cabe discutir no presente artigo é que os interesses românticos de Alexandre foram e continuam sendo alvo da historiografia e de outros meios de pesquisa e produção audiovisual.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> ANDRADE, T. S. M. **O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga**. Faces da História, v. 4, n. 2, p. 58-72, 3 jan. 2018.

<sup>13</sup> Onde aparece como: 1. Relação sexual mantida entre um menor e um adulto. 2. Relação sexual entre indivíduos do sexo masculino. "pederastia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/pederastia> [consultado em 10-09-2023]. Mas em contextos informais costuma aparecer como perversão sexual e em sentidos pejorativos.

<sup>14</sup> BARBO, Daniel. **Detratores do Erotismo Grego: uma historiografia essencialista**. p. 171-188. 2011.

Dentre elas podemos destacar o cinema, sempre buscando retratar as grandes figuras em suas produções hollywoodianas, e o nominado “Alexandre, O Grande”, não poderia deixar de ser retratado nas telas do cinema. Existem diversos longa-metragem a respeito desta figura e de seus feitos, mas o que interessa para este artigo, se trata do longa de Oliver Stone, de 2004, intitulado de *Alexandre*. Obra que tem como intuito mostrar a vida daquele que dá nome ao filme, e o faz a partir da narração de um de seus companheiros de guerra, Ptolomeu, que aparece durante a narrativa do filme e tem por interesse narrar a vida de Alexandre aos seus aprendizes. O filme procura se manter nessa característica mais didática e que busca mostrar a história de um ponto de vista focado numa apresentação narrativa e linear, visto que está sendo narrada de forma oral por um professor e, sobretudo, de forma pessoal, já que Ptolomeu não poderia estar presente em todas as narrativas da vida de Alexandre. Essa produção tem interesses e objetivos polêmicos e diversos sobre Alexandre, onde busca mostrar mais o lado pessoal e não somente o lado militar e das conquistas.

Ao trazer essa questão mais pessoal da vida de Alexandre, e a sua proximidade amorosa com Hefestião e com as outras figuras exibidas ao longo da narrativa, o filme se difere das demais produções a respeito de Alexandre. O que a torna alvo de interesse para a discussão de temas que não somente os aspectos militares da vida do conquistador, o que boa parte das outras adaptações da vida de Alexandre seguem. Essa questão da relação próxima dos dois personagens citados e, sobretudo, ligados à homoafetividade no período antigo, abre espaço para o uso do filme em discussões que têm por objetivo explorar pontos que divergem da história hegemônica que é aplicada nas escolas e nas mídias. O longa de Oliver se mostra político (mesmo que de forma acidental) nesse ponto, ao colocar abertamente essas relações em um espaço tão amplo e divulgado quanto o cinema, evidenciando questões que ainda são temas evitados por grande parte da população.

O longa-metragem de Stone foi adaptado de uma biografia de Alexandre, *Alexander The Great*, de Robin Lane Fox, um historiador que escreve a partir de um olhar metucioso e acadêmico sobre a vida do conquistador macedônico. O livro de Lane Fox apresenta uma riqueza de detalhes e pesquisas acadêmicas para a construção de seu material biográfico a respeito de Alexandre. Assim como o faz com Hefestião, tema de interesse deste artigo. A forma como constrói a relação das duas figuras é

semelhante à forma como foi construída no filme de Oliver Stone, visto que o escritor e historiador participou da equipe de pesquisa histórica para a pré-produção do longa-metragem. Consequentemente podemos compreender como as obras conversam entre si e tem objetivos muito semelhantes. Tendo a mesma figura em ambas as obras, podemos trilhar um caminho para compreendê-las como ideias que funcionam de forma paralela, apesar de suas diferenças.

Portanto, cabe ao presente artigo analisar e interpretar como essas representações da relação de Alexandre e Hefestião ocorrem nestas produções, visto que cada representação acerca dessas figuras estará carregada de marcas e da visão daquele(s) que as representam, sejam nas telas do cinema, nos livros ou até mesmo na historiografia moderna. Dentro dessa gama de interpretações, este artigo se propõe a explorar mais duas visões em específico, a visão da literatura de Lane Fox, material já conhecido e amplamente analisado pela historiografia, e também a obra cinematográfica de Stone, material que vem sendo inserido nas discussões e interpretações historiográficas.

E sendo recente a inserção do cinema como “novo objeto” da História, tendo surgido a partir dos anos 1970, sendo Marc Ferro um dos principais responsáveis por essa inserção, na chamada História Nova.<sup>15</sup> Cabe ao historiador analisar e interpretar como se dão as relações no filme e trazer para uma discussão metodológica com as fontes e com materiais historiográficos a respeito dos temas, levando em consideração aspectos que constituem o filme, seja em sua produção, recepção e montagem técnica e narrativa, como descrito por Mônica Almeida Kornis<sup>16</sup>, que define que estudiosos que buscam analisar produções devem seguir os seguintes aspectos para a análise:

- a) os elementos que compõem o conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação de atores;
- b) o contexto social e político da produção, incluindo a censura e a própria indústria do cinema;
- c) a recepção do filme e a recepção da audiência, considerando a influência da crítica e reação do público segundo idade, sexo, classe e universo de preocupações.

(Kornis, 1992, p. 248)

---

<sup>15</sup> MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 38, n. 1, jun. 2003. ISSN 2447-8261. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2713/2250>>. Acesso em: 12 de setembro 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/his.v38i0.2713>.

<sup>16</sup> KORNIS, M. A. . **História e Cinema: um debate metodológico. Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 237-250, 1992.



Tendo em vista esses parâmetros estabelecidos por Kornis, a presente análise do filme procura seguir essas regras estabelecidas para uma melhor compreensão dos temas apresentados na obra. Em paralelo a essa análise se faz necessário o uso da historiografia a respeito deste tema, sendo a obra *Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies*<sup>17</sup>, essencial para a interpretação e entendimento dos diversos assuntos tratados na obra de Stone. Este livro publicado pela Imprensa da Universidade de Wisconsin, editado por Paul Cartledge e Fiona Rose Greenland, trata dos mais diversos temas que cercam o filme Alexandre, desde a recepção do público até uma análise direta das representações de diversos grupos na obra. Além disso, o confronto com a obra que inspirou o filme (*Alexander the Great*) é de grande importância para a discussão a respeito da obra cinematográfica.

Através destas visões distintas acerca de Alexandre, e da sua relação com Hefestião, procuramos entender e refletir como a história é interpretada e reimaginada ao longo do tempo. Visto que a forma como essa relação foi entendida ao longo da história foi alterada de acordo com quem a narra e qual o objetivo ao evidenciar essa relação. Oliver Stone, movido por sua paixão pelos personagens polêmicos, apresenta uma visão única do conquistador, desde a escolha polêmica do ator para o papel principal até às escolhas de roteiro que definem o rumo de sua produção. Já Robin Lane Fox, um historiador rigoroso e metucioso, busca desvendar o homem por trás do mito e apresentá-lo de forma humanizada, o separando da figura lendária e divina que fora cultivada ao longo do tempo.

### **O gênero biográfico de Stone e a obra histórica de Fox**

Começamos pela obra cinematográfica de Oliver Stone, *Alexandre* (2004), estrelado por Colin Farrell, no papel de Alexandre Magno, tem como objetivo apresentar a vida do rei macedônico, desde a infância até a sua morte, mostrando tanto os aspectos ligados às suas conquistas e aos seus feitos militares, mas também a vida pessoal da figura por trás das conquistas. Faz isso ao intercalar momentos de batalhas e violência com momentos de festa e prazeres com seus companheiros, sendo eles

---

<sup>17</sup> CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010.

homens e mulheres<sup>18</sup>. Essas interações são mostradas de forma a apresentar as relações mais próximas da vida de Alexandre, incluindo a complicada relação com seus pais, Olímpia e Rei Felipe II.

Essa produção de Stone segue parte do modelo como diretor cinematográfico que o mesmo construiu ao longo de sua carreira, pois se enquadra no gênero biográfico. Gênero esse que o diretor já possuía certa experiência de suas produções anteriores, como *The Doors* (1991, sobre a vida de Jim Morrison, vocalista da banda homônima ao nome do filme) e os filmes sobre dois presidentes norte-americanos, *Nixon* (1991) e *JFK* (1995)<sup>19</sup>. Stone consolidou a carreira como diretor baseado em alguns modelos que aplicou ao longo das décadas, entre eles o gênero biográfico e as suas representações sobre a guerra do Vietnã (assunto no qual o autor possuía vivência e expressou em seus trabalhos), sendo o primeiro o que interessa para o presente artigo, visto que Alexandre e a forma como Oliver o retratou segue o modelo que vem de seus filmes biográficos anteriores.

É importante ressaltar que esse modelo biográfico de Stone possuía peculiaridades do diretor, que defendia que suas biografias não eram somente um retrato nu e cru da realidade, mas uma versão fantasiada e mais criativa dela<sup>20</sup>, o diretor busca misturar a ficção e a realidade para tornar seus filmes mais interessantes e atrativos para o público. Mas no caso desta produção, essa mistura parece não convencer o espectador comum e tampouco a crítica especializada. Esse modelo, que antes fora muito bem utilizado pelo diretor, aparenta não ter funcionado de forma eficaz para a figura de Alexandre. Este sendo mencionado pelas fontes como um modelo de carisma e que atrai o amor de todos, até mesmo daqueles o qual dominou, no filme carrega muito pouco de seu carisma e afasta qualquer sentimento de empatia e afeto que o espectador possa sentir pelo protagonista.

A figura de Alexandre, no filme, carrega um ar de superioridade, reforçado pela sua carreira impecável, sendo ele um grande vencedor desde o dia que iniciou a sua carreira militar. Faltam elementos no qual o público possa se identificar com essa figura mítica. O Alexandre, de Stone, começa o filme no topo e fica lá até a morte de

---

<sup>18</sup>RODRIGUES, N. S. "**Alexandre entre paixões femininas e masculinas: Digressões plutarquianas pelo Cinema**" in C. Alcalde Martín, L. N. Ferreira, coords., *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a Arte*, Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014, p. 154.

<sup>19</sup>CARLSON, Michael. **The pocket essential: Oliver Stone**. Great Britain: Pocket Essentials. 2002.

<sup>20</sup>Ibidem, p. 14-19.

Hefestião, e logo após acontece sua própria morte, esses são os poucos momentos de vulnerabilidade que o protagonista demonstra. Outro ponto onde poderia haver certa identificação seria em suas relações pessoais, mas até mesmo essas são complexas e mal desenvolvidas no filme. A relação com seus pais é complicada e cheia de traumas e medos. A relação amorosa com mulheres é quase sempre de violência<sup>21</sup>. E por último suas relações amorosas com homens estão ligadas ao corpo e, no caso de Hefestião, de ser ouvido e amado, mas até mesmo essa (que parece ser a que melhor se apresenta entre as demais) tem seus problemas de representação.

Para a crítica e o público da época em que o filme fora lançado ficou clara uma divisão<sup>22</sup> em dois grupos. Sendo o primeiro grupo aqueles que desaprovam a representação de um Alexandre homossexual, pois ele sendo um militar não poderia haver representação de tais temas em um filme sobre suas conquistas, este deveria estar focado na guerra e na carnificina habitual dos demais filmes do gênero. Em especial seus antecessores mais próximos, *Gladiador* e *Tróia*. Ambos representam a normatividade e batalhas sangrentas que o público esperava ver em filmes do gênero épico, onde Aquiles e Maximus (personagens principais de *Tróia* e *Gladiador*, respectivamente), representam toda virilidade e poder dos homens na guerra.

O caso de Aquiles é deveras curioso, visto que muitas representações costumam colocar Aquiles em uma relação bem próxima com o Pátroclo. As obras de Stone e Lane Fox são exemplos disso, em ambas é citado diversas vezes que Alexandre se espelhava na relação de Aquiles e Pátroclo, há cenas bem claras onde o rei busca repetir e seguir os passos de seu herói Aquiles. Há até mesmo uma viagem que Alexandre faz para visitar os túmulos de Pátroclo e Aquiles em Tróia<sup>23</sup>, e convida Hefestião para honrar os heróis, tendo Alexandre honrado a Aquiles e Hefestião a Pátroclo. Esse gesto é então interpretado, por Lane Fox, como um espelhamento das ações e da relação de Aquiles

---

<sup>21</sup> LLEWELLYN-JONES, Lloyd. "Help me, Aphrodite!" **Depicting the Royal Women of Persia in *Alexander*** In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. *Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies*. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010, p. 243-181.

<sup>22</sup> SOLOMON, Jon. **The Popular Reception of *Alexander***. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. *Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies*. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010, p. 36-51.

<sup>23</sup> FOX, Robin Lane. **Alexander The Great**. Penguin Books. New York, USA. Reissued with updates. 2004. p. 113.

em Alexandre. Mas as fontes não possuem evidências de que isso de fato tenha ocorrido<sup>24</sup>.

Já o segundo grupo segue pela direção oposta em relação ao primeiro, que esperava mais representações na figura de Alexandre. Representações essas que partem para o anacronismo, pois estes espectadores esperavam que a relação de Alexandre e Hefestião coubesse nos parâmetros modernos e nos conceitos contemporâneos de sexualidade. Esse grupo tende a ser o mesmo que busca em Hefestião uma representação da homossexualidade no período clássico, citado por Jeanne Reames em seu artigo<sup>25</sup>. Havia uma necessidade por parte desses grupos de que o filme se aprofundasse nessas discussões a respeito da sexualidade dessas duas figuras, mesmo que o foco do filme não estivesse centrado nisso.

Ambos os grupos se mostraram descontentes com a forma que essa relação fora apresentada. Sendo considerada vulgar e desnecessária para aqueles que mascaram sua homofobia e criticam produções com esse tipo de representação. E sendo considerada insuficientemente representativa por aqueles que procuram representatividade em todas as obras, mesmo que para isso a obra tenha que praticar de certo anacronismo para caber nos moldes da sociedade contemporânea. Como podemos notar, a produção de Stone foi alvo de críticas vindas de todas as direções, seja da crítica especializada, que criticou duramente a atuação dos atores principais, entre eles o próprio Alexandre (especialmente por sua caracterização) e a mãe Olímpia (que fez o uso de um sotaque pitoresco para a personagem)<sup>26</sup>. Assim como recebeu críticas e protestos por parte do público, que se mostrou insatisfeito com as escolhas tomadas pelo diretor para representar a vida do conquistador macedônico.<sup>27</sup>

Todas essas problemáticas, já no lançamento da produção, acarretam diversos problemas de arrecadação, o que não conseguiu o colocar como um enorme fracasso de bilheteria, mas que também não alcançou os números que se esperava para uma

---

<sup>24</sup> HECKEL, Waldemar. **Who's Who in the Age of Alexander the Great Prosopography of Alexander's Empire**. Blackwell Publishing. 2006, p. 133.

<sup>25</sup> REAMES, Jeanne. **The Cult of Hephæstion**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 183 - 216.

<sup>26</sup> SOLOMON, Jon. **The Popular Reception of Alexander**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010, p. 37.

<sup>27</sup> BBC BRASIL. **Gregos ameaçam ação contra filme com Alexandre, o Grande, como bissexual**. 22 de novembro, 2004. Acesso em: 18/09/2023.

produção sobre “Alexandre, O Grande”. Entretanto, esses números se dão pela venda que a Warner Bros. fez do filme para o mercado internacional, visto que a arrecadação dentro dos Estados Unidos havia sido muito abaixo do esperado. O filme arrecadou cerca de 34 milhões de dólares no mercado estadunidense, durante seus sessenta e oito dias de exibição no país. Levando em conta que a produção custou cerca de cento e sessenta milhões de dólares, o arrecadado no país não chegava nem perto de cobrir o orçamento. Os mercados internacionais que salvaram os números de ficarem no negativo, tendo arrecadado aproximadamente cento e sessenta e sete milhões de dólares ao redor do mundo<sup>28</sup>.

Saindo da recepção e crítica e partindo para a produção em si, podemos perceber que o desenvolvimento do filme tem o interesse de conciliar a figura militar e pessoal do rei macedônico. A obra cinematográfica se inicia com a morte do personagem principal, visa mostrar a vida do mesmo ao longo de seus trinta e três anos de vida, Alexandre viveu de 356 a.C até 323 a.C. É narrada quarenta anos após a sua morte, por Ptolomeu, companheiro militar de Alexandre, que conta aquilo que ele (o narrador) vivenciou ao lado de seu amigo e líder. A narrativa deste personagem é direcionada a um grupo de alunos no Egito, o qual Ptolomeu governa (território esse que ficou sob o controle do personagem após a partilha das terras depois da morte de Alexandre).

O citado narrador e faraó busca, no início de sua narrativa, mostrar como a figura de seu amigo e rei fora heróica e grandiosa. Como o rei buscou unificar todos os seus territórios conquistados sob a luz e conhecimento de um império helênico, tal ideia é descrita como “*unity of mankind*”<sup>29</sup>, ou a união da humanidade (em tradução livre), cunhada e defendida pelo historiador britânico Sir William Tarn. Essa ideia da união da humanidade encontra guarida nos escritos de Robin Lane Fox e são consequentemente apresentados ao longo do roteiro de Stone. Essa definição cunhada por Sir William Tarn influenciou os materiais analisados aqui, apesar de não encontrar muita firmeza no meio acadêmico, sendo consideradas polêmicas e pouco aceitas.

---

<sup>28</sup> SOLOMON, Jon. **The Popular Reception of Alexander**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. *Responses to Oliver Stone’s Alexander Film, History, and Cultural Studies*. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010, p. 36-51.

<sup>29</sup> SHAHABUDIN, Kim. The Appearance of History *Robert Rossen’s Alexander the Great*. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone’s Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 102

Em diversos momentos ao longo do filme temos conversas de Alexandre, umas delas com Hefestião, onde o conquistador macedônico expõe seus objetivos para os territórios controlados por ele. Alexandre coloca este objetivo de unificar a humanidade como um conjunto sob o seu comando. Assim, também se apresenta a unidade em seu exército, Tarn cunhou a seguinte frase “*all mankind was one and all men were brothers*”<sup>30</sup>. Para Tarn, Alexandre tinha como objetivo unificar seu exército e os povos conquistados sob seus ideais de liberdade e irmandade.<sup>31</sup>

Após o início marcado por uma idealização heróica de Alexandre, a narrativa se torna mais voltada à vida do jovem guerreiro e da sua formação militar e acadêmica. De início é retratada a sua relação com sua mãe e a relação conturbada e violenta da mesma com seu pai, o rei Felipe II, cena importante para o desenrolar do filme, pois define seus traumas e inseguranças nas relações que se seguiram ao longo de sua vida. Após essas cenas iniciais se passam oito anos, e o treinamento e a proximidade de Alexandre com Hefestião é apresentada pela primeira vez, dois garotos em idades próximas que estão aprendendo a lutar e se preparar para a vida como guerreiros. Essa questão da idade e da proximidade em termos de conhecimentos e experiências é algo notável, visto como as relações de homoafetividade no mundo helênico eram mais aceitas se davam pela paiderastia, que tinha como princípio a passagem de experiências do mestre (*erastes*) para o aprendiz (*eromenos*), o que não era o caso destes jovens guerreiros e nem o seria pelo restante de suas vidas. Aqui podemos entender como essa relação colocada por parte do filme poderia se configurar como uma exceção a essa regra.

Digo aqui “poderia”, pois este é um tema ainda em discussão pela historiografia a respeito de Alexandre, como detalha a autora Jeanne Reames em seus artigos<sup>32</sup>, que analisa como a relação entre Hefestião e Alexandre era entendida no período clássico e como passou a ser entendida atualmente. A autora expressa que parece ter surgido um culto ao redor da figura de Hefestião, que surge a partir do momento em que se começa a trabalhar a identidade do mesmo como amante e verdadeiro amor da vida de

---

<sup>30</sup> Em tradução livre: Toda a humanidade era uma e todos os homens eram irmãos.

<sup>31</sup>HARRISON, THOMAS. **Oliver Stone, Alexander, and the Unity of Mankind**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010, p. 219-242..

<sup>32</sup> REAMES, Jeanne, "An atypical affair? Alexander the Great, Hephastion Amyntoros and the nature of their relationship" (1999). History Faculty Publications. 17.

Alexandre, que acaba também por limitá-lo somente a este papel, apagando assim seu histórico como comandante militar e segundo no poder do mesmo.

Essa ideia que a autora critica em seus textos é justamente o caminho que Stone segue em sua produção, apresentando-nos um Hefestião caricato, com maquiagem nos olhos e traços afeminados, e lhe proporcionando tempo de tela somente quando Alexandre precisava do amor de seu companheiro. Criar essa situação de dependência de Hefestião para com Alexandre parece inevitável, visto que a proximidade entre ambos é indiscutível em praticamente todas as fontes. O que se torna problemático nas escolhas de Stone é como o resto da personalidade e experiência militar de Hefestião é apagada para servir somente de apoio sentimental e afetivo do rei.

Além disso, Stone parece muito objetivo e direto ao definir a relação entre Alexandre e Hefestião, eles são um casal e se amam, não parece haver discussão ou qualquer dúvida a respeito disso. As fontes são pouco precisas quanto a isso, todas concordam em relação à proximidade e afeto que ambos tinham um pelo outro, visto que eram amigos de toda uma vida, mas quanto a interesses profundamente românticos (como apresentados no filme) não há um consenso. As fontes mais confiáveis sobre a vida de Alexandre não definem essa relação como nada além de amizade e companheirismo de guerra. Algumas outras um pouco mais polêmicas e pouco utilizadas pela historiografia de Alexandre que deixam a entender nas entrelinhas que essa relação ia além da amizade.<sup>33</sup>

Mas Stone opta por seguir esse caminho mais polêmico, uma já consagrada marca do diretor, e reproduz estereótipos a respeito das duas figuras supracitadas, tornando-os limitados aos seus personagens enquanto amantes. Hefestião aparece na maioria das vezes em prol de Alexandre e em discussões com a esposa do rei, Roxane. O segundo no comando parece comandar muito pouco durante o tempo do filme, servindo apenas como a figura de apoio do rei. Não há desenvolvimento suficiente do personagem, tornando-o raso e vazio. As principais fontes que apresentam a figura de Hefestião, o caracterizam como um estrategista, ótimo conselheiro e uma figura importante para o desenvolvimento dos planos de Alexandre.

Hefestião atuava em diversas questões extra-oficiais, participando de construções e abertura de caminhos para as tropas de Alexandre. Era mais comum que

---

<sup>33</sup> HECKEL, Waldemar. **Who's Who in the Age of Alexander the Great Prosopography of Alexander's Empire**. Blackwell Publishing. 2006, p. 133.

estivesse em operações não-militares, também participava de missões como construir cidades e coletar suprimentos para o exército. Participou do conselho de Alexandre e esteve ligado aos assuntos mais pessoais do conquistador. Comandou também parte de uma das Companhias de Cavalaria do exército de Alexandre (essa estando muito ligada à ideia de nepotismo dentro das forças, pois Hefestião não possuía experiência para comandar tantos soldados)<sup>34</sup>. Tais funções e cargos são inexplorados na produção de Stone, criando um personagem sem objetivos ou incapaz de existir fora da sua função como amante. Jeanne Reames detalha todas essas questões a respeito da vida de Hefestião em seu artigo<sup>35</sup>, visando justamente mostrar como Hefestião existe fora dessa relação exclusiva de vínculo amoroso com Alexandre, há um general e militar por trás dessa imagem que Oliver exibe em seu filme.

Em contraposição, o livro de Robin Lane Fox, ainda faz um uso desta imagem de Hefestião como o amante e verdadeiro amor da vida de Alexandre, mas o faz sem diminuir a outra figura. Há, portanto, espaço para o amante e o conselheiro e militar no personagem de Hefestião na obra de Fox. As escolhas de Lane Fox se mostram muito mais assertivas ao apresentar tanto a figura do amante de Alexandre, quanto o lado militar de ambos. Há um certo equilíbrio e muita pesquisa por trás do que é escrito neste livro biográfico. Lane Fox, como pesquisador e historiador, buscou entrar a fundo no tema de interesse e tornou o livro rico em detalhes históricos.

Há em diversos momentos a inserção de elementos ficcionais, ou que carecem de comprovação histórica, mas o historiador faz isso de forma consciente que o ajuda a tornar a leitura muito interessante e fluída ao longo de suas páginas. A forma como a relação de Alexandre e Hefestião é apresentada no livro ao descrever os dois fisicamente, os coloca como semelhantes em altura e porte físico, mas os diferem especialmente no cabelo, pois Alexandre possuía uma cabeleira notável, que lembrava a juba de um leão<sup>36</sup>, algo que gerou críticas ao filme, pois essa característica não é bem adaptada no filme, a peruca que Colin Farrell utilizava possuía um formato estranho e nada natural.

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 134.

<sup>35</sup> REAMES, Jeanne. **The Cult of Hephaestion**. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 183 - 216.

<sup>36</sup> FOX, Robin Lane. **Alexander The Great**. Penguin Books. New York, USA. Reissued with updates. 2004. p. 41.



Além disso, o Alexandre apresentado nesta biografia segue o modelo que as fontes relatam. Ele é um Alexandre carismático e capaz de manter a atenção tanto de seu exército quanto de prender a atenção do leitor. Algo que também não chegou à produção de Stone, e nas demais citadas<sup>37</sup>. Lane Fox segue firme à sua ideia de representar o seu protagonista da forma mais fiel possível. Isso se destaca em relação às demais, mesmo havendo a inserção de elementos para tornar a obra mais interessante para o público, há sempre a intenção de representar a figura de Alexandre, e também de Hefestião, da forma mais histórica.

O autor exibe ao longo de seu material a relação dos personagens de forma muito mais sutil que Stone, Lane Fox procura colocar essa relação nas entrelinhas, não sendo tão explícito como descrito no roteiro do filme. A relação deles é definida em momentos e diálogos pontuais. Seja na citada cena em que eles visitam os túmulos de Pátroclo e Aquiles, e os honram. Quando aparecem como alunos de Aristóteles, e o autor menciona que Alexandre jamais seria derrotado, e o seria somente pelas coxas de Hefestião (cena que também é presente no filme)<sup>38</sup>. Ou ao apresentar o novo interesse homoafetivo de Alexandre, o eunuco Bagoas, onde o autor faz uma explicação a respeito do que o conquistador sentia por cada uma dessas figuras.

Mas diferente do Hefestião exibido no filme, o personagem no livro possui suas funções militares e funções de guerra, sendo que a quantidade de vezes que ele é mencionado executando suas funções militares é maior que as menções onde aparece no papel de amante e submisso de Alexandre. Há aqui um maior respeito para quem foram os personagens históricos contemporâneos a Alexandre. É compreensível que uma obra cinematográfica tenha que se limitar devido ao tempo limitado, tendo pouco tempo disponível para apresentar tantos personagens e figuras que foram importantes na trajetória do conquistador. Mas relegar tempo de tela e desenvolvimento para personagens que são importantes para a trama do filme, como no caso de Hefestião, é algo que foge a um roteiro bem adaptado, pois cria personagens vazios e torna difícil para o espectador entender suas motivações e objetivos.

---

<sup>37</sup>SHAHABUDIN, Kim. The Appearance of History *Robert Rossen's Alexander the Great*. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 94.

<sup>38</sup> FOX, Robin Lane. **Alexander The Great**. Penguin Books. New York, USA. Reissued with updates. 2004. p. 56.

Lane Fox apresenta a relação entre Alexandre e Hefestião não apenas como uma parte secundária de sua narrativa, mas a torna um elemento central que possibilita entender melhor a figura do conquistador. Diferente do que Stone faz, onde o modelo inverso é aplicado, a relação dos personagens serve como uma pequena parte do que Alexandre é, e acaba por não ajudar a entender em nada sobre a personalidade do rei. Hefestião para Fox é muito mais que um mero elemento dentro da trama, o personagem representa a relação mais próxima que Alexandre tivera durante sua vida, e sobretudo a relação mais leal que o rei cultivou. A lealdade e confiança são marcas desta relação, por isso Lane Fox destaca de forma tão evidente a força dessa relação.

O autor defende que as relações de amizade, dentro da sociedade da Macedônia antiga, eram muito valorizadas, mas que a relação de Alexandre e Hefestião parecia ultrapassar os limites convencionais da amizade. Diferente de Stone, Fox procura evitar ser tão incisivo quanto a esta relação, se ela era isso ou aquilo, não há como ter tamanha certeza devido ao que possuímos das fontes históricas. Colocar a relação deles como romântica e sexual, como o diretor faz, é infundado e irresponsável, pois não temos como provar este ponto a partir das fontes. Há para Lane Fox a necessidade de se manter fiel ao seu ofício como historiador, por mais que apresentar os dois como homossexuais e um casal apaixonado pudesse trazer um público maior e mais interessados por sua obra. O historiador se mantém firme ao que as fontes defendem, dessa relação que poderia ser, mas que não há como provar se de fato aconteceu.

O retrato de Fox é meticuloso e histórico, mas consegue alcançar o que a produção de Stone tanto almeja, ser um retrato vívido e intrigante sobre a vida de Alexandre. O autor consegue entrelaçar, ao longo de suas páginas, diversos temas, e o faz de forma que todos conversem entre si, sendo eles: política, cultura, emoção e guerra. Ao percorrer tantas questões importantes em sua obra, Lane Fox nos permite examinar uma relação multifacetada e rica, diferente da que o filme alcançou, sendo essa uma relação vazia e pouco relevante para a trama e para o desenvolvimento dos personagens.

### **Considerações Finais**

O épico de Stone possibilita a discussão de diversos temas que fogem ao eixo da guerra, como seria esperado de um filme do gênero épico, e viabilizam o entendimento de como a representação do relacionamento entre Alexandre e Hefestião recorre a questões da atualidade. Ao trazer a discussão e o subsequente desenvolvimento das questões de gênero ao longo da história, os espectadores são capazes de perceber como a sociedade opera (e operou) com relação a esses temas. Possibilitando o desenvolvimento de empatia e respeito ao entender que essas discussões estiveram presentes ao longo de todo o processo histórico. E também entender que figuras importantes, como Alexandre, foram parte disso, sem de forma alguma afetar sua importância militar.

Faz parte de um processo de entender que fugir à heteronormatividade não é estar à beira da sociedade e do perigo como muitas vezes se imagina na atualidade. Mesmo que no período clássico algo como a seguinte ideia não fosse capaz de ser imaginada, a lógica é a mesma. No período clássico, práticas como a *paiderastia* ou outras similares, eram criticadas por determinados membros da sociedade que iam contra esse tipo de prática. Mas personalidades de grande importância como Alexandre ou o mítico Aquiles (que tanto inspirou Alexandre na narrativa do filme e do livro) são figuras que seguem sendo representadas em modelos ligados à homoafetividade. E mesmo assim se tornaram grandes lendas do período clássico e perduraram ao longo da história.

Mesmo havendo períodos em que ocorreu a tentativa de apagar qualquer modelo divergente do normativo<sup>39</sup>, as figuras de Alexandre e Hefestião seguem sendo estudadas e adaptadas nas mídias modernas, assim como o interesse em entender como se dava a relação dos dois. Como podemos constatar no presente artigo, cada representação tem seus interesses ao apresentar (ou não) essa relação. As obras que não possuem essa representação, seguem por um modelo mais comum que aplica os apagamentos de uma possível relação entre os personagens, assim como o faz diversas outras obras que possuem figuras que não estariam inseridas em modelos heteronormativos. Como o filme *Tróia*, que opta por não representar Pátroclo como amante de Aquiles, mas sim como primo.

---

<sup>39</sup> RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. 1990.

Já as obras que contém essas representações, percorrem um caminho complicado, pois a relação entre Alexandre e Hefestião tem suas complicações quanto à veracidade dos fatos. A proximidade entre eles é indiscutível, mas as evidências não dão suporte para a ideia de uma relação amorosa nos moldes dos relacionamentos contemporâneos. A grande maioria opta por seguir um caminho mais seguro ao exibir tais temas, colocando-os como amigos de uma vida e inseparáveis devido a esse laço de amizade tão duradouro e forte.

As duas obras analisadas no contexto deste artigo seguem caminhos que torna a relação dos personagens mais próxima que laços de amizade, e o fazem de forma diferente uma da outra. Stone evidencia uma relação muito escancarada dos dois, que expõe no início do filme diversas insinuações e falas que colocam os personagens como amantes, e que tende a colocá-los como um casal, de tão forte e intensa que essa relação aparece nas cenas. O Hefestião do filme é uma figura que parece seduzir Alexandre a todo momento, servindo ao papel que o diretor escolheu para o personagem. Enquanto no livro, Lane Fox apresenta também essa relação intensa, mas que possui seus limites, Alexandre e Hefestião seguem numa marcha de guerra, ambos possuem objetivos e funções militares a cumprir.

Enquanto Stone opta por uma versão quase vulgar destes personagens, Robin Lane respeita os papéis que essas figuras desempenhavam. Isso nos ajuda a entender como cada produção tem objetivos ao apresentar certos temas, tanto estes quanto os outros citados. O filme de Robert Rossen, *Alexander The Great*, e a peça de Terence Rattigan, *Adventure Story*, possuem objetivos diferentes ao adaptar a vida de Alexandre, focando no grande líder militar e mencionando muito pouco suas questões pessoais.

Cada um destes diretores/escritores/dramaturgos colocam em suas produções aquilo que lhes interessa enquanto produtores de conteúdo. Todos eles vão cortar detalhes acerca da vida do conquistador, ou adicionar outros, para que a obra esteja de acordo com seus objetivos. Stone aplica seu método biográfico ficcional para tornar a vida de Alexandre a mais polêmica possível, o que já vimos que o diretor costuma fazer. Enquanto Lane Fox procura uma representação mais fiel e histórica sobre o conquistador, ambos trabalham com a imagem de Alexandre construída ao longo dos séculos, do grande conquistador dos mitos e histórias grandiosas.

As obras aqui analisadas pretendem desmistificar e apresentar um Alexandre humanizado, buscam afastá-lo da imagem de sua figura mítica e divina. Cada uma delas manifesta isso de maneiras diferentes, sendo o livro o que obteve mais sucesso ao desenvolver essa figura destituída de sua imagem que fora construída ao longo da história. O filme passou por diversos problemas ao tentar seguir o modelo do livro que lhe inspirou, e não conseguiu ser tão bem-sucedido ao desmistificar o homem por trás da lenda. Cada uma possui seus objetivos e visões ao apresentar Alexandre, assim como a sua relação com Hefestião. Essas representações, tão próximas e tão distintas ao mesmo tempo, nos leva a entender como elas fazem parte de uma estrutura muito maior a respeito da imagem de Alexandre. Essas duas representações são uma pequena parte do que já foi produzido sobre este mesmo tema e essas mesmas figuras. Sendo cada uma delas singulares e únicas, pois cada autor e diretor ao longo da história imprimiu sob a figura do conquistador suas marcas e interesses.

A vida de Alexandre, em conjunto com a de Hefestião, representa uma intersecção entre o pessoal e o político, e as obras supracitadas procuram apresentar a relação de ambos, que transita entre a amizade e a autoridade. Há a todo momento, em especial no livro de Fox, a transição do caráter político para as questões pessoais, o que nos ajuda a entender como essas figuras se relacionam tanto nas questões privadas quanto no que tange a sua relação enquanto líder e soldado na guerra.

Ao apresentar as considerações finais deste artigo, somos levados a refletir sobre a vida dessas figuras do período clássico, enquanto amigos muito próximos, e não somente como essa relação poderia ser considerada na atualidade. É entender que, em seu momento histórico, havia questões que não fazem parte mais do nosso entendimento atual, assim como há na contemporaneidade questões que não cabem e não devem ser impostas para o período clássico. O que nos resta é entender como essa relação pode ser interpretada hoje, a partir dos nossos conceitos e entender os modelos que estavam presentes nas sociedades grega e macedônica há mais de dois milênios. As narrativas que buscamos analisar aqui, fazem parte de uma rede que busca divulgar essas relações para o público mais amplo, fugindo dos conceitos e práticas exclusivas da história, de crítica e compreensão das fontes a partir de diferentes lentes e correntes historiográficas.

Essas representações nos ajudam a compreender como somos figuras do nosso momento histórico, e não podemos fugir a isso. O que podemos é perceber como cada

uma delas molda e influencia o seu público alvo a entender e refletir as questões apresentadas ao longo do filme/livro. Cada uma dessas obras contém narrativas históricas moldadas, interpretadas e reimaginadas, para que assim possam atingir o público desejado e, sobretudo, atingir a visão e os objetivos do autor. Ao público resta analisar e interpretar essas informações que ali são colocadas, ou tomarem aquilo que está sendo exibido como uma verdade, sem críticas ou questionamentos a respeito do que está sendo transmitido pelo filme/livro.

A crítica é um dos pontos fundamentais que definem a história, e o presente artigo objetivou justamente isso, criticar e analisar como essas obras apresentam a relação de Hefestião e Alexandre. Se elas procuram seguir as fontes, ligadas à história e à pesquisa dos fatos históricos, ou se tem como objetivo criar narrativas em cima dos fatos para tornar a história mais atual, possibilitando ao espectador uma maior capacidade de reflexão sobre os temas da obra, possibilitando a compreensão do passado por meio de moldes contemporâneos, e levando a uma compreensão do que acontece em paralelo ao lançamento da obra.

Ao explorar as representações acerca de Alexandre, nas visões de Robin Lane Fox e Oliver Stone, este artigo se aprofunda na intersecção entre a história e a arte do cinema. Stone nos apresenta uma visão polêmica e emotiva, enquanto Fox, busca nos expor a verdade e o lado histórico por trás da imagem mítica de Alexandre, procura ver além das diversas camadas de mito e especulação que foram criadas ao longo dos séculos. Ambas, apesar de suas diferenças quanto à forma como são apresentadas, seguem um mesmo objetivo em comum, retratar a relação entre dois homens, Alexandre e Hefestião, mostrando-nos como a amizade e autoridade dessa relação entrelaçam-se no cenário da história mundial. A dualidade que essas representações nos evidenciam, nos lembra que, por trás de cada grande nome da história, existem diversas narrativas e que outras ainda estão por vir.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, T. S. M. **O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga. Faces da História**, v. 4, n. 2, p. 58-72, 3 jan. 2018.

ANSON, Edward M. **Alexander The Great. Themes and Issues**. London: Bloomsbury Academy. 2013.

ANTELA-BERNÁRDEZ, Borja. **El Alejandro Homoerótico. Homosexualidad en la Corte Macedonia**. Barcelona. 2010.

BARBO, Daniel. **Detratores do Erotismo Grego: uma historiografia essencialista**. p. 171-188. 2011.

BOWDEN, Hugh. **Alexander the Great, A Very Short Introduction**. Oxford University Press. 2014.

CARLSON, Michael. **The pocket essential: Oliver Stone**. Great Britain: Pocket Essentials. 2002.

CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

ESTEVES, A.M. **Cruzando fronteiras da identidade masculina: o homem grego face à efeminação e ao travestismo. Homoerotismo na Antiguidade Clássica**, 2. ed. Rio de Janeiro: PPG Letras Clássicas UFRJ. 2016.

FERRO, M. **Filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 202-203.

FOX, Robin Lane. **Alexander The Great**. Penguin Books. New York, USA. Reissued with updates. 2004.

HECKEL, Waldemar. **Who's Who in the Age of Alexander the Great Prosopography of Alexander's Empire**. Blackwell Publishing. 2006.

KORNIS, M. A. . **História e Cinema: um debate metodológico. Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) , Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 237-250, 1992.

MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 38, n. 1, jun. 2003. ISSN 2447-8261.

OGDEN, Daniel (2009), **Alexander 's Sex Life**, in W. Heckel and L. A. Tritle 2009. 203-217.

PLUTARCH. **Life of Alexander. Lives. Vol. VII.** Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge / Massachusetts / London: Harvard University Press, 2004.

REAMES, Jeanne, "An atypical affair? Alexander the Great, Hephaestion Amyntoros and the nature of their relationship" (1999). History Faculty Publications. 17. <https://digitalcommons.unomaha.edu/histfacpub/17>.

\_\_\_\_\_. The Cult of Hephaestion. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 183 - 216.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. 1990.

RODRIGUES, N. S. "Alexandre entre paixões femininas e masculinas: Digressões plutarquianas pelo Cinema" in C. Alcalde Martín, L. N. Ferreira, coords., **O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a Arte**, Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014, 153-172.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. **Alexandre Magno**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

SHAHABUDIN, Kim. The Appearance of History Robert Rossen's Alexander the Great. In: CARTLEDGE, Paul; GREENLAND, Fiona Rose. **Responses to Oliver Stone's Alexander Film, History, and Cultural Studies**. 1. ed. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press. 2010. p. 92-116.

TARN, W. W. **Alexander the Great II. Sources and Studies**. Cambridge. University Press. 1948.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs. 2005.



Eu, **Matheus Maciel Matias**, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **Alexandre e Hefestião: amizade e autoridade nas representações de Oliver Stone e Robin Lane Fox foi integralmente por mim redigido**, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília - DF, 03 de novembro de 2023.

Matheus M. Matias